



PERFIL ESTATÍSTICO DOS ATLETAS DO NBB 2009/2010

André Barbabela Castro de Carvalho
Alexandra Folle

Universidade do Estado de Santa Catarina – Brasil

Resumo: O objetivo deste estudo é traçar o perfil estatístico dos jogadores participantes do Novo Basquete Brasil, na temporada 2009/2010. Os dados foram obtidos por meio da estatística disponível no site oficial da Liga Nacional de Basquetebol (LNB). Foram analisados os indicadores de jogo de 34 atletas das quatro equipes semifinalistas. A análise descritiva dos dados foi realizada por meio da média e do desvio padrão. Os resultados encontrados evidenciaram que, nas ações ofensivas, os armadores destacaram-se com o maior número de tentativas de arremesso e de pontos convertidos, enquanto os pivôs sobressaíram-se no aproveitamento. As ações defensivas revelaram participação ativa dos pivôs nos rebotes defensivos e tocos, enquanto os armadores foram os jogadores que mais recuperaram bola.

Palavras-chave: estatística; basquetebol; posições específicas.

INTRODUÇÃO

Nas modalidades esportivas coletivas, não se pode imaginar a preparação de um atleta ou de uma equipe sem a análise dos vários componentes que fazem parte do jogo. Conhecer as qualidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas desse contexto e suas inter-relações torna-se fundamental para se alcançar objetivos cada vez mais elevados. O basquetebol, como parte desse universo esportivo, não é diferente e, cada vez mais, surgem novidades que, se bem analisadas e aplicadas, podem influenciar na obtenção de melhores resultados individuais e coletivos (DE ROSE JR.; TAVARES; GITTI, 2004).

Nesse sentido, a observação e o entendimento do treino e do jogo de basquetebol têm adquirido importância crescente, motivando o desenvolvimento de investigações e demonstrando o interesse em se conhecer, sempre mais, acerca desse esporte e dos fatores que influenciam a atuação dos atletas dessa modalidade. As abordagens de estudos da análise do basquetebol têm se centrado em duas grandes

áreas: a observação do jogo, com o objetivo de caracterizar e avaliar os parâmetros observáveis do desempenho competitivo (coletivo e individual) e suas formas de manipulação; a observação do jogador com o objetivo de descrevê-lo e caracterizá-lo (AMORIM, 2001; TAVARES, 2001).

A observação do jogador sistematiza-se em quatro dimensões: a energética, que avalia as características fisiológicas dos atletas; a motora, que observa as capacidades motoras e os modelos de execução técnica; a morfológica, que analisa a caracterização corporal do jogador; e a psicológica, que busca caracterizar o perfil psicológico do atleta (TAVARES, 2001).

A observação do jogo, segundo Tavares (2001), concentra-se na dimensão tática, que avalia os sistemas de organização tática, a análise técnico-tática dos *indicadores do jogo a partir dos dados estatísticos das competições* e a eficiência individual e/ou coletiva das ações de jogo; a dimensão motora, que caracteriza o perfil energético-funcional do jogo, do jogador e/ou funções no jogo, bem como os procedimentos técnicos no jogo; a dimensão energética, que observa os indicadores internos da carga, realizados em situações de jogo ou por meio de situações similares.

Nesse contexto, constata-se que as estatísticas podem fornecer dados importantes sobre o comportamento individual e coletivo em função dos indicadores de jogo, uma vez que tanto a observação presencial quanto a realizada por meio de vídeos auxiliam a determinar padrões técnico-táticos defensivos e ofensivos e a relação do desempenho individual e coletivo com os padrões preestabelecidos. Além disso, observa-se que, a partir dos avanços tecnológicos das últimas décadas, essas análises têm se tornado cada vez mais precisas e eficazes, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de treinamento e de jogo, tanto no âmbito individual quanto coletivo (DE ROSE JR.; LAMAS, 2006).

No basquetebol, caracterizado como um esporte decidido por detalhes, nos quais aproveitamento nos arremessos, assistências, rebotes, bolas perdidas e recuperadas são detalhes técnicos muito importantes para o desenvolvimento do jogo, as estatísticas realçam exatamente esses dados, que são necessários para a evolução de uma equipe, mostrando tanto seus pontos fracos e fortes quanto os das equipes adversárias. Uma equipe que deseja evoluir e ser a melhor não pode ignorar todas essas informações, podendo usá-las a seu favor nos treinamentos.

Compreendendo a importância da análise do jogo, tanto para a observação, a avaliação e a seleção de jogadores, quanto para a direção e a organização do treinamento voltado à competição e ao progresso dos jogadores e das equipes (TAVARES, 2006), este estudo busca analisar o perfil estatístico dos atletas participantes dos *playoffs* do Novo Basquete Brasil (NBB), na temporada 2009/2010, de acordo com as posições específicas em que atuam.

MATERIAL E MÉTODO

A presente pesquisa evidencia-se como descritiva, pois expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis e definindo sua natureza (MORESI, 2003). Este estudo mostra-se como uma pesquisa com fonte de informação documental, a qual se baseia em materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (RAUPP; BEUREN, 2003).

Os dados foram obtidos por meio da estatística completa do NBB na temporada 2009/2010, disponível no site oficial da Liga Nacional de Basquetebol (LNB, 2010), o qual apresenta as estatísticas de cada jogador em todas partidas disputadas, de acordo com a posição em que atuam. Foram analisados os indicadores de jogo de atletas das quatro equipes finalistas. A opção pela análise dessas equipes teve o intuito de abranger aquelas com equilíbrio no número de jogos disputados durante a competição. Dentro das equipes, optou-se por analisar o perfil estatístico dos atletas que participaram de, no mínimo, 20 jogos, buscando-se também o equilíbrio no número de jogos disputados por esses atletas (mínimo 20 jogos, máximo 39 jogos). Dessa forma, foi analisado o desempenho técnico nas ações de jogo de 34 atletas: 10 armadores, 15 laterais e nove pivôs.

Os indicadores de jogos analisados foram:

- número de jogos disputados e tempo de jogo;
- ações ofensivas: percentual de acertos de arremessos (aproveitamento – arremessos tentados e convertidos), pontuação, assistências, rebotes ofensivos, bolas perdidas;
- ações defensivas: rebotes defensivos, bolas recuperadas, tocos (bolas bloqueadas);
- faltas cometidas e sofridas.

A análise descritiva dos dados foi realizada por meio de média e desvio padrão das ações ofensivas e defensivas de cada jogador por jogo disputado, utilizando-se o software Excel® versão 2007.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela I apresenta a participação e o aproveitamento (eficácia) dos jogadores de basquetebol finalistas do NBB 2009-2010, de acordo com sua posição específica. Inicialmente, observa-se que os atletas participaram em média de 31 (+6,2) jogos na competição, permanecendo em quadra 20,1 minutos por jogo.

Tabela I

Participação e aproveitamento por jogo, de acordo com a posição de cada jogador

Posição	Número de jogos		Tempo de jogo		Pontos tentados		Pontos convertidos		Aproveitamento	
	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd
Armadores	33	4,0	24,6	5,7	22,8	6,2	10,9	2,3	48,1	4,5
Laterais	30	7,0	18,4	10,7	20,4	14,1	10,5	7,3	51,4	8,5
Pivôs	30	7,0	17,6	5,2	14,6	7,4	8,4	4,3	57,1	4,2
Total	31	6,2	20,1	8,4	19,6	10,9	10,1	5,5	51,9	7,2

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Os resultados evidenciam equilíbrio no número de jogos, quando observada a posição dos jogadores, tendo sido os armadores aqueles que se mantiveram mais tempo em quadra durante as partidas. Estes dados são semelhantes aos apresentados nos estudos de De Rose Jr., Tavares e Gitti (2004) – com jogadores participantes dos campeonatos paulista e brasileiro de 2001, 2002 e 2003 –, de Ruano et al. (2007) – com jogadoras participantes da Women Nacional Basketball Association (WNBA) – e de De Rose Jr. (2012) – com atletas de basquetebol masculinos participantes de Jogos Olímpicos. A maior permanência dos armadores em quadra pode ser explicada por serem eles os responsáveis pela organização das jogadas ofensivas do time, permitindo assim a manutenção de um padrão de jogo por sua equipe (OKAZAKI et al., 2004).

No que se refere às tentativas de arremessos e aos pontos convertidos, as estatísticas demonstraram que os armadores, seguidos pelos laterais, foram os atletas com médias mais elevadas nessas ações. Contudo, os pivôs tiveram um número de tentativas ligeiramente menor que os armadores e os laterais, enquanto essa diferença não foi tão marcante na ação pontos convertidos, o que se reflete no percentual de acerto dos arremessos. Na Tabela I, os números de pontos tentados e convertidos – apresentados por jogo, nas posições específicas, são inferiores aos divulgados no estudo de De Rose Jr., Tavares e Gitti (2004). Além disso, equipe universitária masculina de Goiânia evidenciou resultados diferenciados no que se refere ao maior número de pontos convertidos pelos laterais, em comparação às demais posições (OLIVEIRA; ARAÚJO; GASSI, 2010).

Enfatiza-se, no entanto, que o maior tempo de jogo permanecido em quadra, por partida, pelos armadores do presente estudo pode ter provocado essa ligeira superioridade nos números de pontos tentados e convertidos em comparação aos laterais e aos pivôs, o que necessariamente não se reflete no aproveitamento desses arremessos.

Neste sentido, ressalta-se que os pivôs foram os atletas que apresentaram maior média de aproveitamento nos arremessos, enquanto os armadores foram os que obtiveram o menor percentual de acerto (eficácia) desse fundamento, inclusive abaixo de 50% de acerto por jogo. Estes dados corroboram as estatísticas dos atletas participantes dos campeonatos brasileiro e paulista em 2001, 2002 e 2003, nas quais também se identificou que os pivôs apresentam o melhor aproveitamento nos arremessos, principalmente, em comparação aos armadores (DE ROSE JR.; TAVARES; GITTI, 2004). No entanto, apesar de os armadores apresentarem níveis inferiores de aproveitamento de arremessos, os laterais universitários investigados por Oliveira, Araújo e Gassi (2010) se sobressaíram aos pivôs nesse indicador.

O melhor aproveitamento de arremessos dos pivôs pode estar ligado ao fato de estes jogarem mais próximo da tabela, possuírem maior estatura e realizarem arremessos de curtas distância (*jumps* e *ganchos*) (BERGAMO, 2003). Daiuto (1983) corrobora assim que os pivôs são os atacantes mais difíceis de ser marcados, pois frequentemente são os mais fortes e os mais altos dentro de uma equipe de basquetebol, além de jogarem mais próximo à cesta adversária.

As ações ofensivas por jogo, de acordo com a posição específica dos jogadores, podem ser visualizadas na Tabela 2. De modo geral, destaca-se um número quase inexpressivo de arremessos convertidos, principalmente de lances livres, assistências, rebotes ofensivos e bolas perdidas, independentemente da posição.

Tabela 2

Ações ofensivas realizadas por jogo, de acordo com a posição de cada jogador

Posição	3 pontos convertidos		2 pontos convertidos		Lances livres convertidos		Assistências		Rebotes ofensivos		Bolas perdidas	
	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd
Armadores	4,8	1,8	4,0	1,1	2,1	1,1	3,8	2,2	0,4	0,2	1,6	0,7
Laterais	3,9	3,8	4,8	3,0	1,9	1,5	1,4	1,2	1,0	0,6	1,0	0,6
Pivôs	0,7	1,0	5,9	3,1	1,8	1,3	0,7	0,4	1,7	0,8	0,9	0,5
Total	3,3	3,2	4,9	2,6	1,9	1,3	1,9	1,9	1,0	0,7	1,1	0,6

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa.

As estatísticas dos arremessos de três pontos e de lances livres revelam que os armadores, seguidos dos laterais, se destacaram na conversão desses fundamentos em relação aos pivôs, principalmente nos arremessos de três pontos. Contudo, os pivôs se sobressaíram no número de arremessos de dois pontos convertidos, seguidos dos laterais e, por último, dos armadores. Nesse caso, destaca-se, com relação aos resultados encontrados nos indicadores arremessos de dois e três pontos,

bem como de lances livres, que as médias mais elevadas dos pivôs se assemelham às encontradas nos estudos de Sampaio et al. (2006) e De Rose Jr., Tavares e Gitti (2004). No entanto, nas investigações realizadas por Ruano et al. (2007) e Sampaio et al. (2009), apesar da semelhança encontrada nos resultados dos arremessos de dois e três pontos, os pivôs obtiveram maior número de lances livres convertidos. Além disso, verificou-se que o número de tentativas de três pontos convertidas pelas atletas da liga norte-americana (RUANO et al., 2007) e de três pontos, dois pontos e lances livres convertidos por atletas de três competições europeias (SAMPAIO et al., 2009) apresentaram-se expressivamente inferiores às médias dos atletas do NBB. No que se refere às médias dos jogadores dos campeonatos europeus, acredita-se que a abrangência das temporadas (1988-2006) pode ter provocado os baixos valores apresentados.

Estas constatações confirmam a afirmação de Bergamo (2003) e Okazaki et al. (2004), de que armadores e alas devem ter grande vigor físico e efetuar bons arremessos de longa e média distância. Os armadores devem ter boa visão de jogo, sabendo decidir corretamente o momento de passar a bola ou arremessar à cesta (DE ROSE JR.; TAVARES; GITTI, 2004). Os pivôs jogam frequentemente mais próximo da cesta e realizam arremessos mais curtos (DAIUTO, 1991; BERGAMO, 2003).

Uma estatística a ser realçada pelo baixo número, tanto em termos gerais quanto por posições específicas, é a de assistências por jogo, apesar de os armadores terem se sobressaído na realização deste indicador. Os dados divulgados nas pesquisas de Sampaio et al. (2006) com jogadores participantes das finais da National Basketball Assosiation (NBA), da Asociación de Clubes de Baloncesto (ACB) e da Liga Portuguesa de Basquetebol (LPB); de Ruano et al. (2007); de Sampaio et al. (2009); de De Rose Jr. (2012) assemelham-se em relação às assistências por jogo dos armadores do NBB na temporada 2009-2010. Nesse caso, os resultados das diferentes pesquisas reforçam que os armadores possuem funções organizacionais e criativas que se refletem nos valores de assistências realizadas (RUANO et al., 2007).

Segundo De Rose Jr. e Oliveira (2010), a assistência é o último passe antes do arremesso convertido, desde que o arremessador demonstre ação imediata em direção à cesta. O maior número de assistências realizado pelos armadores deve-se, portanto, ao fato de esses atletas serem responsáveis pela organização das jogadas ofensivas de suas equipes, realizarem passes em diferentes situações, organizarem as ações táticas coletivas, construir espaços adequados para a efetivação do ataque (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009; BERGAMO, 2003).

Outra estatística a ser evidenciada refere-se aos erros cometidos por jogo, os quais se apresentaram, em geral, com valores baixos e, em específico, com superioridade dos armadores em relação aos atletas das demais posições. Semelhante

resultado foi observado nos estudos com atletas da liga norte-americana feminina (RUANO et al., 2007) e dos Jogos Olímpicos (DE ROSE JR., 2012). Tal fato que pode estar atrelado ao grande número de ataques que dependem de jogadores dessa posição, já que são eles que organizam as ações ofensivas.

Okazaki et al. (2004) ressaltam que estes mesmos atletas estão mais propensos a cometer mais erros durante uma partida. Bergamo (2003) descreve que os armadores são responsáveis pelo elo entre as ações ofensivas, devendo ter qualidade de passe e recepção, boa visão de jogo e ser habilidosos nas infiltrações. Por outro lado, investigação divulgada por Sampaio et al. (2009) revelou equilíbrio entre pivôs e armadores, sobressaindo-se ligeiramente os primeiros no indicador de bolas perdidas por jogo.

O maior número de rebotes ofensivos realizado pelos pivôs, seguidos pelos laterais e, por último, pelos armadores foi igualmente revelado por Simões (2001); Ruano et al. (2007); Sampaio et al. (2009), reforçando a constatação de que o local de jogo desses atletas, próximo à cesta, os auxilia na eficácia desse fundamento, em comparação aos atletas das demais posições. Observou-se, no entanto, que, enquanto as atletas da WNBA (RUANO et al., 2007) e os jogadores do Campeonato Mundial Juvenil (SIMÕES, 2001) obtiveram médias superiores, os atletas de campeonatos europeus (SAMPAIO et al., 2009) apresentaram médias inferiores de rebotes ofensivos por jogo, nas três posições, em comparação aos jogadores do NBB.

Na Tabela 3 estão contidas informações relacionados com as ações defensivas e as faltas por jogo, de acordo com a posição de cada jogador. Apesar do baixo número de ações defensivas de cada jogador por jogo, ressalta-se a superioridade dos pivôs no número de tocos e, principalmente, de rebotes defensivos, bem como dos armadores nas bolas recuperadas.

Tabela 3

Ações defensivas e faltas por jogo, de acordo com a posição de cada jogador

Posição	Rebotes defensivos		Bolas recuperadas		Tocos		Faltas cometidas		Faltas Sofridas	
	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd	\bar{x}	sd
Armadores	2,0	0,7	1,1	0,4	0,1	0,1	2,2	0,6	2,4	0,9
Laterais	2,8	1,7	0,8	0,6	0,3	0,2	2,3	0,7	2,2	1,5
Pivôs	3,1	1,4	0,6	0,3	0,6	0,5	2,7	0,7	2,3	1,4
Total	2,6	1,5	0,8	0,5	0,3	0,3	2,4	0,7	2,2	1,3

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa.

A média mais elevada de rebotes e tocos pelos pivôs, constatada no presente estudo, reforça a afirmação de Paes, Montagner e Ferreira (2009) de que as principais funções dos pivôs na defesa são o rebote e o toco, pois estes são os jogadores mais altos e que jogam mais próximo da tabela, facilitando tanto a ação de rebote quanto de toco. A maior média de bolas recuperadas por jogo pelos armadores verificada neste estudo é similar aos dados encontrados por Sampaio et al. (2006), Ruano et al. (2007) e Sampaio et al. (2009), confirmando a indicação de Bergamo (2003) de que uma das principais características dos armadores em situação de defesa é a recuperação de bolas para sua equipe.

Estudos realizados por Simões (2001), De Rose Jr., Tavares e Gitti (2004), Ruano et al. (2007) e Sampaio et al. (2009) encontraram resultados similares aos apresentados no que se refere à superioridade dos pivôs no número de rebotes defensivos por jogo. Ruano et al. (2007) e Sampaio et al. (2009) também revelaram maior número de tocos efetivados pelas pivôs, em comparação às demais posições. No entanto, as estatísticas defensivas dos atletas investigados por Sampaio et al. (2006) apresentaram-se diferenciadas no que se refere ao rebote defensivo. Apesar de os armadores e os alas apresentarem médias similares à presente investigação, o estudo com jogadores participantes das finais da NBA, ACB e LPB revelou médias superiores no indicador rebotes. Enquanto a média por jogo dos atletas finalistas do NBB 2009-2010 foi de 3,1, os atletas da NBA pegaram em média 5,5 rebotes; os da LPB, 2,1 rebotes; os da ACB, 4,8 rebotes defensivos por jogo.

No que se refere ao número de faltas cometidas e sofridas, ressalta-se que os armadores sofreram maior número de faltas, enquanto os pivôs foram os jogadores com maior número de faltas cometidas, apesar de as médias não oscilarem muito, quando observadas as posições dos atletas. Os estudos de Sampaio et al. (2006) e de De Rose Jr., Tavares e Gitti (2004) encontraram valores similares em relação às faltas cometidas e sofridas por jogo. No entanto, os dados divulgados por Simões (2001) e Sampaio et al. (2009) se diferenciaram em termos de faltas sofridas, uma vez que essas investigações revelaram médias mais elevadas para os pivôs e não para os armadores, conforme evidenciado nos resultados do presente estudo. Nesse sentido, Godoy et al. (2008) revelam que as faltas cometidas são identificadas como um dos indicadores que mais contribuem para decidir o resultado final dos jogos de basquetebol, uma vez que estão diretamente ligadas à desclassificação dos jogadores e ao maior número de oportunidades de a equipe adversária converter pontos por meio dos lances livres.

As estatísticas mais elevadas em favor dos pivôs, tanto nas ações de ataque (dois pontos convertidos, rebotes ofensivos) e de defesa (rebotes defensivos, tocos, faltas cometidas) indicam que, no basquete de alto nível, os sistemas de jogo podem

se desenvolver em função desses atletas. Além disso, a estatura e a envergadura mais elevadas de jogadores dessa posição fazem que seu jogo se realize próximo da cesta, onde se consegue mais elevado percentual de eficácia em arremessos de curta distância e na obtenção de rebotes. O menor tempo de jogo desses atletas se deve à maior exigência do basquetebol moderno, os levando tanto a cometerem mais faltas quanto a necessitarem de mais descanso ao longo das partidas para poderem realizar, da melhor maneira possível, suas contribuições ofensivas e defensivas (RUANO et al., 2007).

CONCLUSÃO

Com o objetivo de analisar o perfil estatístico dos atletas participantes do NBB, na temporada 2009-2010, o presente estudo evidenciou equilíbrio no número de jogos, quando observada a posição dos jogadores, apesar de os armadores terem se mantido mais tempo em quadra durante as partidas.

Nas ações ofensivas, os armadores foram os que realizaram o maior número de tentativas de arremesso, bem como os que obtiveram o maior número de pontos convertidos. Isto, porém, não se refletiu na eficácia dos arremessos desses atletas, uma vez que os pivôs sobressaíram-se com o melhor aproveitamento desse indicador.

Os armadores apresentaram-se mais eficientes nos indicadores de três pontos e lances livres convertidos, bem como nas assistências por jogo, entretanto se sobressaíram negativamente com o maior número de bolas perdidas. Os pivôs destacaram-se no número de arremessos de dois pontos convertidos e de rebotes ofensivos. Ressalta-se que, apesar de a literatura caracterizar os alas como os principais arremessadores de três pontos de uma equipe, os armadores do NBB na temporada 2009-2010 foram os atletas que obtiveram médias superiores nessa ação, o que pode ter sido influenciado pelo maior número de tentativas de arremessos e maior média de tempo em quadra dos atletas dessa posição.

As ações defensivas dos jogadores das equipes finalistas do NBB revelaram ativa participação dos pivôs nos rebotes defensivos e tocos, além do maior número de faltas cometidas. Os armadores foram os jogadores que mais recuperaram bola e sofreram faltas. No entanto, assim como nas ações ofensivas, os laterais obtiveram médias intermediárias (entre os armadores e pivôs) no número de rebotes e de bolas recuperadas.

Os resultados do presente estudo permitem concluir, com relação às posições específicas, que a maioria dos indicadores analisados nas estatísticas do NBB na temporada 2009-2010, tanto nos indicadores ofensivos quanto nos defensivos, confirma as características indicadas na literatura como predominantes para cada posição.

Considerando-se que o basquetebol é um esporte em que as equipes podem evoluir no desempenho de suas ações técnico-táticas por meio da análise de jogos, na qual se destaca a estatística, sugere-se a complementariedade deste tipo de investigação, visando não só ao estudo estatístico de equipes de alto nível, mas também ao de atletas participantes de campeonatos amadores e de categorias de base, uma vez que tais informações podem contribuir para melhor compreensão do perfil técnico de atletas de basquetebol de vários níveis e categorias, bem como para a obtenção de um perfil mais conclusivo de cada posição específica.

STATISTIC PROFILE OF BASKETBALL PLAYERS FROM NBB 2009/2010

Abstract: The objective of the present study was to determine 2009-2010 Novo Basquete Brasil players' statistical profile. Data was obtained from the official website of the Liga Nacional de Basquetebol (LNB). Game data from 34 athletes of the four semi-finalist teams were analyzed. Descriptive analysis was performed by means of mean and standard deviation. The results showed that, in offensive actions, guards stood out with the greatest number of shooting attempts and total points, while centers elicited higher efficiency ratings. Centers revealed an active participation in defensive rebounds and blocks while guards exhibited higher number of stealing.

Keywords: statistics; basketball; specific positions.

REFERÊNCIAS

AMORIM, J. Relação entre as variáveis técnico-táticas e a classificação final: um estudo na Liga Portuguesa de Basquetebol. In: JANEIRA, M. A.; TAVARES, F.; PINTO, A. (Ed.). **Tendências actuais da investigação em basquetebol**. Porto: Universidade do Porto, 2001. p. 80-89.

BERGAMO, V. R. **O perfil físico e técnico de atletas de basquetebol feminino: contribuições para identificação do talento esportivo múltiplo**. 2003. 169 f. Tese (Doutorado em Educação Física)—Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

DAIUTO, M. **Basquetebol: metodologia de ensino**. 5. ed. São Paulo: Brasipal, 1983.

DAIUTO, M. **Basquete: metodologia do ensino**. São Paulo: Hemus, 1991.

DE ROSE JR. D. Desempenho técnico individual no basquetebol masculino: relação entre posições específicas, classificação das equipes e indicadores de jogo. **Revista Mais Basquete**, v. 1, n. 2, p. 6-9, dez. 2012.

DE ROSE JR., D.; LAMAS, L. Análise de jogo no basquetebol: perfil ofensivo da Seleção Brasileira Masculina. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 165-173, 2006.

DE ROSE JR., D.; OLIVEIRA, L. Desempenho técnico coletivo de equipes olímpicas masculinas e femininas de basquetebol. **EFDEPORTES**, Buenos Aires, v. 15, n. 147, 2010. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 8 set. 2010.

DE ROSE JR., D.; TAVARES, A.; GITTI, V. Perfil técnico de jogadores brasileiros de basquetebol: relação entre os indicadores de jogo e posições específicas. **EFDEPORTES**, Buenos Aires, v. 18, n. 3, 2004. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 set. 2010.

GODOY, S. J. I. et al. Basketball game-related statistics that discriminate between teams season-long success. **European Journal of Sport Science**, Vila Real, v. 8, n. 6, p. 369-372, Nov. 2008.

LNB. Liga Nacional de Baquete. **Estatísticas** – temporada 2009/2010. 2010. Disponível em: <www.liganacionaldebasquete.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2010.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

OKAZAKI, V.; RODACKI, A. L. F.; SARRAF, T. A.; DEZAN, V. H.; OKAZAKI, F. H. A. Diagnóstico da especificidade técnica dos jogadores de basquetebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v. 12, n. 4, p. 19-24, 2004.

OLIVEIRA, D. B. P.; ARAÚJO, G. M.; GASSI, E. Análise do perfil ofensivo de uma equipe de basquetebol universitária em relação às posições específicas do jogo. **EFDEPORTES**, Buenos Aires, v. 14, n. 142, 2010. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 7 fev. 2013.

PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C.; FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte**: iniciação e treinamento em basquetebol. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2003.

RUANO, M. A. G.; CALVO, A. L.; DEL TORO, E. O.; SAMPAIO, J.; GODOY, S. J. et al. Diferencias en las estadísticas de juego entre bases, aleros y pivots en baloncesto femenino. **Cultura, Ciencia y Deporte**, Guadalupe, v. 2, n. 6, p. 139-144, Jun. 2007.

SAMPAIO, A. J.; CALVO, A. L.; RUANO, M. A. G.; MATALARRANHA, J.; GODOY, S. J. I.; DEL TORO, E. O. Anàlisi de les estadístiques discriminants en jugadors de bàsquet segons el seu lloc específic, a les finals de les competicions europees (1988-2006). Diferències entre jugadors titulars i suplents. **Apunts**, Barcelona, v. 2, n. 96, p. 53-58, 2. trim., 2009.

SAMPAIO, A. J.; JANEIRA, M.; IBÁÑEZ, S.; LORENZO, A. Discriminant analysis of game-related statistics between basketball guards, forwards and centers in three professional leagues. **European Journal of Sport Science**, Vila Real, v. 6, n. 3, p. 173-178, Sept. 2006.

SIMÕES, O. A. M. **Análise da dinâmica do jogo e das ações do jogador de basquetebol**: estudo de caso com as equipes do mundial de júniores/99. 2001. 68 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto)–Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto. Porto, 2001.

TAVARES, F. Sistematização de estudos sobre observação e análise do jogo em basquetebol. In: JANEIRA, M. A.; TAVARES, F.; PINTO, A. (Eds.). **Tendências actuais da investigação em basquetebol**. Porto: Universidade do Porto, 2001. p. 9-15.

TAVARES, F. J. S. Analisar o jogo nos esportes coletivos para melhorar a performance. Uma necessidade do processo de treino. In: DE ROSE JÚNIOR, D. (Org.). **Moralidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 60-67.

Contato

Alexandra Folle

E-mail: afolle_12@hotmail.com

Tramitação

Recebido em 5 de maio de 2012

Aceito em 16 de fevereiro de 2013